

AS CRÔNICAS DAS IRMÃS BRUXAS III

JESSICA SPOTSWOOD

PREDESTINADAS



ARQUEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Para minhas irmãs, Amber e Shannon; sem elas eu não poderia ter
passado para o papel todo o amor e as implicâncias
que existem entre as irmãs Cahill.*

*E para as minhas amigas Jenn, Jill, Liz e Laura, que, assim como as amigas
de Cate, se transformaram nas minhas irmãs do coração.*

PRÓLOGO

CINCO MINUTOS ATRÁS

*BRENN*A DANÇA PELA ESCADA DE MÁRMORE branco em direção à porta, e eu a estou seguindo quando escuto o barulho de um corpo indo de encontro ao piso molhado. Eu me viro. Finn está de quatro no chão. Tropeçou no meio-fio. Ele se levanta, ajeita os óculos e caminha de volta à carruagem, mas seus passos não são os graciosos de sempre. Finn faz uma pausa, examina a carruagem e parece confuso.

– Está tudo bem? – pergunto a ele.

Ele ergue os olhos para mim e então abaixa a cabeça. Suas orelhas estão vermelhas de vergonha.

– Sinto muito, senhorita, mas esta carruagem é minha?

A voz dele soa estranha, formal. Como se estivesse falando com uma desconhecida.

As palavras dele ecoam na minha cabeça: Sinto muito, senhorita.

Achei que estivesse entorpecida, mas o que sinto agora é pior. Não compreendo. Dou uma olhada na rua vazia. Além de Finn, estamos só Brenna, eu e Maura aqui...

Maura.

Minha irmã está parada à calçada, fitando Finn com os olhos semicerrados.

O meu Finn.

Ela não faria isso.

Não minha própria irmã.

CAPÍTULO

I

ABANDONO MAURA NO MEIO DO REDEMOINHO de neve e de gelo. Se eu olhar para o rosto dissimulado dela por mais um minuto, não serei responsável pelas minhas ações.

Dentro do convento, eu me apoio na porta pesada de madeira.

Minha capa preta está pingando, mas meus olhos estão secos. Tudo parece... inconcebível. Harwood está vazia, Zara está morta e Finn não vai se lembrar de nada nem de nós dois. Pensar no nosso futuro foi o que me guiou por toda esta guerra; a promessa de que, no fim, ficaríamos juntos. Fora isso que tinha me impedido, muito embora as adversidades parecessem insuperáveis.

Como poderei prosseguir assim? Sem ele?

Tess chega apressada pelo corredor e se joga em cima de mim. Provavelmente estava de sentinela junto à porta.

– Você voltou! Como foram as coisas em Harwood? Fiquei tão preocupada, eu... – Mas fico rígida no abraço, e ela recua com os olhos fixos no meu rosto. – O que houve?

– Maura sabe que você é o oráculo.

Abraço a mim mesma, como se isso fosse impedir que eu me desmanchasse em mil pedaços. Não consigo deixar de notar o fio vermelho escarlate na minha mão.

O sangue de Zara.

Tess morde o lábio.

– Como Maura sabe disso?

Encolho os ombros.

– Eu contei a ela.

– Mas... – Minha irmã parece estupefata. – Você prometeu.

Não é do meu feitio quebrar uma promessa feita às minhas irmãs. Na verdade, a qualquer pessoa. Não sou de dar minha palavra em vão.

Isso é culpa de Maura também. Ela me transformou em uma mentirosa.

Tess franziu o cenho, e seus olhos ficaram tão tempestuosos quanto nuvens carregadas.

– Por que você contou se tínhamos combinado de esperar?

Essa verdade sai com bastante facilidade:

– Eu queria magoá-la. Não consegui pensar em mais nada.

Maura desejava muito ser o oráculo, a bruxa da profecia que iria salvar a Nova Inglaterra. Ela desejava tanto tudo isso que me traiu.

O que mais será que ela apagou, além de mim? Nos últimos meses, minha vida e a de Finn estiveram entrelaçadas. Ele não vai compreender por que a mãe fechou a livraria. Vai se odiar por ter entrado para a Fraternidade, principalmente agora, com os Irmãos sujeitando meninas inocentes aos cabouços, à tortura e à fome.

Cerrei os punhos, deixando marcas de unhas nas palmas. Ou faço isso ou vou começar a berrar, e, se eu começar, não sei quando vou conseguir parar.

– Você queria magoá-la – repete Tess, parecendo não compreender. Ela fica me encarando, como se eu tivesse saído para libertar as garotas de Harvard e retornado no corpo de uma desconhecida. – E me usou para isso. Você não devia...

– Zara está morta – interrompo, irritada. De repente estou muito irritada.

– Você previu que isso ia acontecer. Poderia ter feito a gentileza de me contar!

Lágrimas brotam nos olhos de Tess.

– Sinto muito. Ela me pediu que não contasse e eu... fiquei com medo de que isso pudesse distrair você. Além do mais, você não poderia ter feito nada para evitar. – Ela curva os ombros e parece ter bem mais do que 12 anos. Tess dá um suspiro que fere meu coração. – Foi por isso que você contou para Maura? Para se vingar de mim?

– Não.

Está tudo péssimo, mas a culpa não é de Tess.

– A pequenina! – Brenna Elliott surge da sala de visitas feito um boneco de mola assustador. – Você está segura. Eu não contei. Queriam que eu contasse, mas eu resisti, até quando me bateram.

Tess fica paralisada quando o oráculo louco estende a mão e faz um carinho nela, alisando seus cachos louros.

– Obrigada?

– Quebraram meus dedos. – Brenna os agita diante do rosto de Tess. – Mas o corvo bonzinho me curou.

O corvo é a Irmã Sophia, que também me ensinou a curar. É o único tipo de magia em que me destaco. Encontrei satisfação no trabalho de enfermeira e em provar que os Irmãos estão errados: nem toda magia é egoísta e má.

Nesta noite, usei meu dom de modo a parar o coração de Zara.

Ela pediu que eu a ajudasse a morrer com dignidade, e foi o que fiz. Mas seus olhos vidrados e o cheiro de cobre de seu hálito ainda me assombam.

– Você também ficará a salvo agora. Ninguém vai machucar você aqui – diz Tess, que dá tapinhas no braço de Brenna.

– Rory vai chegar logo. Com a irmã dela. – Os olhos de Brenna se agitam feito borboletas azuis alvoroçadas. – Você, Cate e outra. As três irmãs.

– É Cate que está aí? – Alice Auclair entra no saguão, sorrindo como um gato que comeu um canário. – O Conselho Titular está destruído. Pelo menos onze dos doze membros, incluindo Covington!

– Fiquei sabendo – eu digo.

Se ela espera que eu lhe dê os parabéns, pode esperar sentada. O sorriso dela deixa minha pele toda arrepiada. Alice, Maura e Inez usaram magia mental no Conselho Titular e apagaram a memória dos conselheiros de modo tão completo que agora eles ficarão reduzidos a bebês chorões. Os Irmãos já vinham agindo nos limites da violência. Há menos de um século, bruxas foram perseguidas até quase serem extintas e muitas garotas inocentes morreram no processo. Eles só estavam esperando um pretexto para retomar os antigos métodos, e agora Inez lhe dera um.

As mulheres da Nova Inglaterra vão sofrer pela leviandade de Inez. Qualquer moça um pouco mais educada, excêntrica ou loquaz pode ser morta sem hesitação em vez de enviada a Harwood. E o que eu posso fazer para impedir isso? Nada. Existem dezenas de milhares de Irmãos e apenas algumas centenas de bruxas para lutar contra eles. Nossa única esperança é conquistar o apoio do público, e agora Inez também acabou de vez com essa possibilidade. Os Irmãos tinham condicionado as pessoas a temer a magia mental. Depois de um ataque horrível como este, voltaremos a ser os monstros da escuridão, as protagonistas das histórias que contam às crianças na hora de dormir para assustá-las e obrigá-las a se comportar.

Brenna agarra minha manga com dedos ossudos e me arranca dos devaneios.
– É ela – sussurra. Seus olhos aterrorizados estão grudados em Alice. – O corvo que arrancou com o bico todas as minhas lembranças!

Alice recua aos tropeções, olhando de Brenna para mim e então de volta a Brenna. Sua pele de porcelana fica toda vermelha.

Tess abraça Brenna com força.

– Ela não vai fazer isso de novo. Foi um acidente – diz Tess em tom acalentador.

Brenna choraminga como uma criança. Alice se vira, pronta para se retirar. Acredito que ela nunca tenha achado que precisaria voltar a encarar Brenna. O *acidente* dela.

Dou um passo adiante, bloqueando o caminho.

– Olhe só para ela – digo. – Veja só o que você fez.

Alice olha. Observa a blusa branca manchada de Brenna, a saia marrom que mais parece um saco, o cabelo castanho desgrenhado. O rosto fundo, um olho ainda roxo por causa das pancadas dos Irmãos depois de ela ter se recusado a cooperar, os braços magricelas de espantinho, as cicatrizes lívidas em seus pulsos, marcas de uma tentativa de suicídio cometido há seis meses.

– Sinto muito – sussurra Alice. – Não era essa a minha intenção.

Alice tinha tentado fazer Brenna se esquecer de que todas as Irmãs eram bruxas, mas falhou.

A magia mental é imprevisível.

– Isso não basta. – Eu a seguro pelos ombros. – Você não tem como reverter o efeito. Nunca vai poder fazer isso!

– Me solte! – Alice tenta se desvencilhar, mas seguro com firmeza. Eu a sacudo um pouco.

Não é pouca coisa bagunçar as lembranças de alguém.

Nosso primeiro beijo, com os Irmãos do outro lado da porta, as mãos dele na minha cintura e as penas na escuridão.

E o segundo beijo, no gazebo da colina, o vento batendo em meus cabelos, o cheiro de serragem e de terra molhada ao redor.

E o terceiro, no dia em que revelei a Finn que era bruxa e ele pediu minha mão em casamento mesmo assim.

– Cate! – exclama Tess, que puxa meu braço.

Solto Alice e me afasto. Minha respiração está acelerada e minha garganta, engasgada com o choro que não vou – *não vou!* – liberar. Fico encarando o

assoalho de madeira e o tapete verde redondo, molhado por causa da neve nas minhas botas.

– Você ficou louca? Qual é o seu problema? – Alice quer saber, seguindo apressada pelo corredor até a sala de estar.

Ela abre caminho pelo grupo de meninas mais jovens que espiam a confusão pelo vão da porta.

– O que Maura fez? – indaga Tess, com temor na voz.

Levanto a cabeça.

– Ela apagou a memória de Finn. Ele não se lembra mais de mim.

Tess leva a mão à boca.

– Por que ela faria isso?

– Ela tem inveja do que nós dois temos. Do que nós *tínhamos* – corrijo.

– Queria que eu ficasse solitária e amarga como ela. Deu certo. Estou tão furiosa que seria capaz de *matá-la*.

Tess me encara, os olhinhos arregalados. Não falei da boca para fora. Não desde que descobrimos a profecia segundo a qual uma de nós vai matar a outra antes da virada do século. Sempre achei que isso fosse impossível. Somos irmãs, amamos e protegemos umas às outras.

Nada é mais forte do que isso.

Nada *era*.

Brenna enfia a cabeça pela pequena abertura da porta da sala de visitas.

– Não é assim que acontece.

– Quieta! – explode Tess, que se vira rapidamente para Brenda.

Tess nunca se exalta.

O que ela tinha visto?

– Ninguém vai matar ninguém. – Tess agarra meu braço de novo, com força, tentando me arrastar em direção à escadaria. Percebo um tom de desespero na voz dela, e fico me perguntando se ela está tentando convencer a mim, a Brenna ou talvez até a si mesma. – Vamos dar um jeito nisso. Vamos subir, Cate.

– Não se pode dar um jeito nisso. – As lembranças de Finn se foram para sempre; nenhuma magia será capaz de trazê-las de volta. Maura traiu minha confiança, e isso também não pode ser consertado. Avisto Lucy Wheeler, amiga de Tess, andando de um lado para outro no fim do corredor. – E não vou fugir dela. Além do mais, preciso contar a Lucy e às outras como as coisas se desenrolaram em Harwood.

Aceno para Lucy e ela vem correndo, com as bochechas de esquilo coradas e os olhos preocupados. Antes que eu abra a boca para dizer que sua

irmã mais velha está bem e não se encontra mais no hospício, a porta de entrada se escancara e várias garotas entram, todas vestidas com as capas pretas da Irmandade.

– Estamos aqui! – Minha colega de quarto, Rilla, anuncia o óbvio. – A outra charrete já vai chegar. Vão entrar pelos fundos.

Ela está radiante, encantada com nossa vitória. Libertamos centenas de garotas do Hospício de Harwood. Algumas fugiram por conta própria, outras estão sendo levadas para esconderijos no interior. Seis garotas com poderes especiais ou laços com a Irmandade estão vindo para cá. Elas estão seguras ou, pelo menos, mais seguras do que estavam em Harwood, junto aos Irmãos sedentos por vingança. Zara foi nossa única baixa. Nossa missão foi bem-sucedida, mas, mesmo assim, não consigo encontrar alegria nisso.

– Grace! – Lucy solta um berro estridente.

– Lucy? – Grace Wheeler é uma versão mais alta e mais magra de Lucy, com cabelo cor de caramelo desgrenhado e olhos castanhos grandes demais para o rosto esquelético.

Lucy se joga em cima da irmã, com as lágrimas escorrendo em suas bochechas.

– Achei que nunca mais fosse ver você de novo!

– E eu pensei que nunca sairia daquele lugar. Achei que ficaria lá até morrer. – Grace olha ao redor, temerosa. – Você é uma... uma bruxa, como disseram?

Lucy assente.

– Todas nós somos. Mas não somos como os Irmãos pregam, Grace, nós não somos más.

– Não ligo se vocês dançam com o diabo todas as noites – diz outra desconhecida, uma garota mais velha com cabelo de um ruivo intenso e a pele coberta de sardas. – No que me diz respeito, vocês são anjos, pois nos salvaram daquele inferno.

– Caroline! – Maud a repreende. A ruiva deve ser a prima dela.

Caroline revira os olhos azuis em um gesto expressivo.

– Acho que devemos nomear as coisas pelo que elas são. Aquele lugar era cheio de ratos, a carne que nos davam para comer quase sempre tinha vermes e os Irmãos chegavam a dar um beliscão ou dois em nós, as bonitinhas. Se revidássemos, eles nos faziam tomar doses extras de láudano.

Meus olhos passam para a terceira recém-chegada, uma garota bonita com traços hindus, mais ou menos da minha idade, que se apoia na mesa

do saguão, mexendo no porta-cartas em formato de lira. De acordo com as enfermeiras, Parvati era o alvo preferido dos Irmãos.

– Você está a salvo agora – garanto a ela. – Ninguém vai...

Minhas palavras morrem na garganta quando Maura se adianta por trás das outras.

– Bem-vindas à Irmandade, meninas. Eu sou Maura Cahill. Vocês estão em segurança aqui, desde que nos prometam sua lealdade.

Meu corpo fica tão tenso quanto a corda de um arco milésimos de segundos antes de a flecha ser disparada.

– Ah, mas você é mesmo perfeita para falar de lealdade! – falei.

– Este não é o momento, Cate. – A saia cor de safira farfalha quando ela se posiciona no meio do saguão, um passarinho azul rodeado por corvos. – Todas nós seríamos executadas caso os Irmãos descobrissem o que somos. Os segredos da Irmandade não são compartilhados de maneira leviana. Especialmente com gente de fora.

– Grace é minha *irmã* – protesta Lucy.

– Mas não é bruxa. – Maura abana a mão para Grace num gesto de desprezo. – A Irmandade vem primeiro, Lucy.

Lucy meneia a cabeça e as tranças balançam.

– Não antes do sangue do meu sangue. Não mesmo.

Solto uma risada sufocada.

– Ah, Maura não pensa assim.

Rilla franze o nariz sardento.

– Não sei o que Maura tem a ver com isso. Ela não levantou um dedo para ajudar essas meninas.

– Cate fez tudo. Elena e Cate, e aquele namorado maravilhoso dela. – Violet van Buren me fita e sinto o estômago revirar. – Agora sei por que você não quis abrir mão de Finn. Meu Deus, o jeito como ele *olha* para você!

– Vi... – Tess começa a dizer, com os dedos agitados feito mariposas aprisionadas.

– Eu arrancaria meus dentes para ter alguém olhando para mim daquele jeito. – Vi leva as mãos ao peito e suspira. – Ele é tão romântico. Você vai se casar com ele, não vai? Quando isso tudo terminar?

Era o que eu queria. Mais do que tudo.

Mantive Finn em segredo durante semanas. Quanto mais gente soubesse que ele era um espião dentro da Fraternidade, mais perigo ele correria. Mas

todas as garotas o tinham visto na noite anterior em Harwood. Agora vão ficar me perguntando a respeito dele e... não sei se vou ser capaz de suportar.

– Acho que não – respondo com a voz embargada.

– Por que não? – Os olhos de ameixa de Vi parecem confusos.

– Pergunte a Maura. – Aponto com a cabeça para ela. – Conte a elas o que você fez.

Maura não me olha nos olhos.

– Não faça parecer que isso tem a ver com a gente. Existem coisas mais importantes a serem discutidas. – Ela me dá as costas, e seu ar condescendente me deixa com vontade de puxar seus cachos ruivos. Gostaria que pudessemos resolver isso com a mesma facilidade com que solucionávamos nossas brigas de criança.

– Então eu vou contar. – Vou para o meio do saguão, no centro das atenções, um lugar do qual nunca gostei. Cuspo as palavras, confusa e apaixonada: – Finn entrou para a Fraternidade por mim. Ele detestava cada detalhe de tudo o que eles representam. Ele sabia que eu era bruxa, e me amava mesmo assim... Não, não *mesmo assim*. Ele tinha orgulho de mim. Arriscou a vida para espionar a Fraternidade e ajudar a libertar todas vocês. Se tivesse sido pego, seria executado. – Sinto como se fizesse um louvor, e talvez estivesse mesmo fazendo. – Mas Irmã Inez queria que Maura provasse sua crueldade. Ela não aprovava o fato de um Irmão conhecer nossos segredos. E, quanto a Maura, ela sempre me invejou por eu ter alguém como Finn. Ela invadiu a mente dele e me apagou. Esse é o tipo de *irmã* que ela é. Maura pode trair qualquer uma de nós num piscar de olhos.

Maura fica me olhando, sem palavras, as bochechas ardendo. As outras garotas se afastam, como se encostar nela pudesse transmitir uma doença contagiosa.

– Vá embora, Maura. Vá para o seu quarto – diz Tess finalmente, a voz grave. – Cate não deveria ser obrigada a olhar para você agora. Sinceramente, eu também não quero olhar para a sua cara.

Maura se volta para ela.

– Quem é você para me dizer o que fazer?

O oráculo. A bruxa da profecia. Quero que Tess jogue isso na cara dela, mas sei que não vai fazer isso. Ela não tem sede de poder como Maura nem é vingativa como eu.

Tess franze os lábios.

– Eu sou a irmã que ainda fala com você.

Maura fica de cara no chão.

– Você nem ouviu a minha versão!

Tess paira entre mim e Maura, seus olhos cinzentos parecendo adagas.

– Não sei o que você poderia dizer para me convencer de que suas motivações foram válidas.

– Ótimo. Fique do lado dela, como sempre. Eu não preciso de nenhuma de vocês! Vão ver só. – Maura abre caminho pelo aglomerado de garotas boquiabertas e corre para o andar de cima, as botas estalando nos degraus de madeira.

E eu fico ali, me sentindo... como?

Insatisfeita com minha vingança mesquinha.

Rilla é a primeira a se recompor. Ela pega minha mão. Seus olhos cor de mel estão cheios de compaixão.

– Vamos subir, Cate. Você deve estar...

Eu me desvencilho dela.

– Não. – A intenção dela é boa, sempre é, mas essa gentileza me dá vontade de gritar.

Olho ao redor, para as garotas reunidas no saguão. Não posso desmorrar, pois elas precisam de mim. Não sou a única a quem Maura feriu nessa noite. Agora mesmo, os subordinados do Conselho Titular devem estar encontrando seus membros, abobalhados e confusos, incapazes de se lembrar do próprio nome. Amanhã, Nova Londres vai estar em polvorosa contra as bruxas, e a coisa vai piorar quando a cidade ficar sabendo do motim em Harwood.

A Fraternidade *vai* revidar. Precisamos nos preparar para isso.

As garotas de Harwood passaram fome, foram drogadas e brutalizadas. Elas precisam de um lugar para se recuperar, e o convento não é mais um porto seguro. Não com Irmã Cora morta e Inez no controle. Ela fará qualquer coisa para derrubar os Irmãos e se colocar no poder, sem se importar com quem possa ser esmagado no processo.

Mas eu me importo.

Rejeitei uma irmã hoje, mas agora tenho muitas outras.

Quero fazer com que a Nova Inglaterra seja segura para todas elas.

Minha magia brota e sai pelas pontas dos dedos. As velas na mesa do saguão se acendem, seguidas pelos candelabros antiquados ao longo do corredor.

Estou cansada de esconder o que sou. Deve haver uma forma melhor de viver. Não o jeito de Inez. Nem o do Irmão Covington.

Se é guerra que os Irmãos e Maura querem, então é guerra que eles terão. Vou lutar contra ambos.

– Bem-vindas à Irmandade. – Empino o queixo e fito os olhos de cada garota ali. – Como vocês já devem ter percebido, sou Cate Cahill, e esta é a minha irmã Tess. Vamos providenciar algo para vocês comerem e depois levá-las a seus quartos. Este é o seu lar agora. Vou fazer o possível para garantir que fiquem protegidas.

Acomodamos as seis garotas de Harwood na frente da lareira na sala de visitas e servimos um lanche: o pão de ontem com manteiga e geleia de morango, acompanhado de chocolate quente. Depois de me assegurar de que Rilla e Vi vão cuidar bem delas, subo até a suíte de Irmã Cora, no terceiro andar.

Irmã Gretchen abre a porta quando eu bato. Seus olhos cor de avelã estão bem vermelhos.

– Cate. Você está sabendo?

Eu faço que sim e passo a mão pelo meu cabelo louro despenteado.

– Vou sentir falta dela, mas fico contente por ela estar em paz agora.

Gretchen engole um soluço.

– Eu sabia que ia acontecer, mas não sei bem o que fazer sem ela.

Gretchen e Cora eram melhores amigas desde o tempo que estudavam na escola do convento.

– Eu entendo. – Aperto a mão dela. – Eu gostaria de me despedir, se não for incômodo.

– Claro. – Gretchen me deixa entrar e atravessamos a salinha de Cora, envolta em sombras, até o quarto dela. O corpo, com um vestido preto simples, está na cama com dossel. O cabelo branco lhe cai sobre os ombros; as mãos finas parecem galhos de árvores no inverno sem seus vários anéis. – Vou deixá-las a sós.

– Obrigada.

Eu me aproximo do corpo. Geralmente, não sei em que acredito em termos de religião, mas desconfio de que a alma de Cora esteja em outro lugar agora. Por instinto, olho para o teto como se esperasse ver o espírito dela flutuando ali.

Nunca encontrei muito conforto na ideia de minha mãe estar olhando por mim. No enterro dela, esse foi o consolo preferido dos Irmãos. Só faltou sugerirem que eu deveria pedir orientação ao seu espírito. Isso seria um sacrilégio, pois uma moça deve recorrer ao pai, ao marido ou aos próprios Irmãos em

busca de sabedoria. Mesmo assim, eles afirmaram que ela continuaria cuidando de mim, achando que isso me traria conforto. Mas a instrução da minha mãe para que eu mantivesse minhas irmãs em segurança pesava sobre mim; eu não me alegrava com a ideia de que o espírito dela ficaria olhando por cima do meu ombro, julgando se eu estava fazendo um bom trabalho ou não.

Irmã Cora tinha me confiado uma tarefa ainda maior: proteger toda a Irmandade. Tess pode ser o oráculo, mas é jovem demais para ser uma líder, e nenhuma de nós confia em Inez para fazer por ela.

– Não vou permitir que Inez estrague tudo o que a senhora construiu – prometo. A voz sai baixinha, engolida pelo tapete e pelas cortinas verdes pesadas fechadas para a noite de neve.

Percebo que até que gosto da ideia de Cora estar olhando por mim. O pedido dela foi enorme, mas ela cometeu erros, como no caso de Zara. Certamente perdoaria os meus.

A ideia me dá coragem.

– Obrigada por ter acreditado em mim – concluo.

Deixo-a com as velas queimando na penteadeira para expulsar a escuridão. Na salinha, Gretchen está largada na poltrona verde florida de Cora.

– A senhora vai ficar aqui? – pergunto. Gretchen assente. – Quer revezar comigo?

Ela sacode a cabeça e seus cachinhos cinzentos balançam.

– Precisa descansar. Como foi em Harwood? Eu devia ter perguntado logo de cara.

– Foi tudo bem, na medida do possível. – Aperto os lábios. – Zara morreu. Levou um tiro.

– Ah, Cate. – Os lábios de Gretchen tremem, mas ela se controla. – Sinto muito por esta notícia. Zara foi uma boa mulher. Ela ajudaria muito a você. – Gretchen apruma os ombros e me encara. – Se precisar de algo, estou do seu lado. Aquilo que Inez fez essa noite com o Conselho Titular... não foi correto. Certamente não teria sido a vontade de Cora.

– Tem uma coisa. – Respiro fundo. – Eu gostaria de dar a notícia ao Irmão Brennan. Providencie um encontro o mais rápido possível.

Brennan era o espião de Cora no Conselho Titular. A mente dele teria sido apagada esta noite, junto com a dos outros, mas Finn colocou ervas no chá dele para que passasse mal e não fosse à reunião.

Espero que Brennan seja eleito o novo líder da Fraternidade. De acordo com todos os relatos, ele é do tipo progressista. Se eu puder fazer com que

compreenda que nem todas nós apoiamos Inez, talvez ele conduza os Irmãos a um caminho menos vingativo. Sei que é demais pedir o perdão dele. Os homens do Conselho Titular eram colegas de Brennan. Talvez alguns fossem seus amigos. E a menos que possamos encontrar algum modo de diminuir a influência de Inez, ela ficará a cargo da Irmandade até que Tess atinja a maioria, daqui a quatro anos.

– Há uma loja de artigos de papelaria, a O’Neill’s, no bairro comercial. Deixamos recados para Brennan com o proprietário – explica Gretchen.

– Você já sabe o código que ele e Cora usavam. Posso transcrever uma carta, se você quiser, mas arrisco dizer que Tess também pode fazer isso.

Tess é fantástica com criptografia, assim como com quase tudo.

Gretchen solta o colar de rubi que tem no pescoço. A corrente de ouro faz um montinho em sua mão e me lembra de que o colar de Zara – o pendente com a foto da Mãe dentro – ainda está no bolso da minha capa. Enquanto observo, o rubi se transforma em uma chave de latão.

– A chave permite entrar na loja pela porta dos fundos. Poderíamos usar magia, é claro, mas os outros têm suas chaves e é mais provável que confiem em você se ficar com a de Cora. No depósito, há uma escada que leva ao porão. É lá que acontecem as reuniões da Resistência.

Ela me entrega a chave. É pequena, fria e leve, mas a informação que Gretchen me deu veio na hora certa. Eu me jogo na cadeira ao lado dela.

– Reuniões da Resistência? – repito.

Será que ela quer dizer que há gente além das bruxas trabalhando em segredo contra os Irmãos? Zara mencionou algo assim, e apostamos nessa ideia ao mandar as refugiadas de Harwood alguns esconderijos mantidos por essas pessoas. Eu não fazia ideia de que Cora estivesse envolvida nisso.

Gretchen passa a mão pela bochecha rechonchuda.

– Brennan não é o único homem na Nova Inglaterra que discorda dos métodos dos Irmãos. Os líderes da Resistência se encontram uma vez por semana. A próxima reunião está marcada para sexta-feira à noite. Posso ir com você, se quiser. Não vai ser fácil conquistar a confiança deles; Cora levou anos. Eles sabiam que ela era bruxa, mas não sabem que todas nós somos. E, mesmo aqueles que não se incomodam, não acham que uma mulher seja sua igual. Não vou mentir para você, Cate: não será fácil conquistar Alistair Merriweather.

Franzo a testa.

– Quem é ele?

Gretchen ergue as sobrancelhas para mim.

– Pelo Senhor, garota, você não lê jornal? Ele é o editor da *Gazeta*.

Para falar a verdade, eu nunca li a *Gazeta*. O *Sentinela* é a publicação oficial de Nova Londres, o porta-voz dos Irmãos. É proibido ter um exemplar de qualquer outro jornal, apesar de eu sempre ver cópias meio escondidas da *Gazeta* quando entregamos comida e para os pobres.

– Encontre um exemplar e se inteire um pouco antes de conhecer Alistair – sugere Gretchen. – Se conseguir que ele fique do seu lado, será uma enorme vantagem para nós. Um quinto de Nova Londres lê o jornal dele, como ele próprio irá lhe dizer com muita satisfação.

Ergo a cabeça, e uma fagulha de esperança me percorre.

– Isso significa que há muita gente insatisfeita com os Irmãos.

– E essas são somente as pessoas que têm coragem de comprar o jornal. Quantas pegam emprestado com o vizinho ou nem sabem ler, para começo de conversa? – Um sorriso torto aparece nos cantos da boca de Gretchen. – Os pobres estão frustrados com as novas restrições. Pense nas centenas de pessoas que participaram da manifestação no mês passado na praça Richmond.

– Metade foi jogada em um navio-prisão por causa disso – observo, lembrando-me das irmãs de Mei. – Não acha que isso foi um balde de água fria em cima de qualquer ideia de rebelião?

Gretchen balança a cabeça.

– Desconfio que só tenha servido para atizar as brasas. A manifestação foi bem pacífica. Esse tipo de ofensa não devia ser do tipo que faz alguém ser mandado para a prisão durante anos, não é mesmo? Como acha que aquelas almas desafortunadas estão se virando agora? Mal sobrevivem, eu lhe digo, com a ajuda da família que lhes resta ou com a nossa caridade. As pessoas estão irritadas, principalmente os trabalhadores pobres. Estão em busca de líderes.

– Como Tess – eu sugiro. Ela é o oráculo que veio para conquistar o coração das pessoas mais uma vez a favor das bruxas.

– E você – diz Gretchen. – Você e Merriweather trabalhando juntos formariam uma equipe formidável.

Dou uma olhada por cima do ombro para a porta meio aberta que dá no quarto de Cora; fico um pouco insegura. Se Cora demorou anos para conquistar os líderes da Resistência, como eu vou fazer isso tão rápido? Não tenho nem metade da inteligência dela.

– Cora tinha fé em você, Cate – afirma Gretchen. – Não a decepcione.

Uso minha magia para transformar a chave de latão em rubi mais uma vez e a penduro no pescoço. Seu peso me conforta. É como um talismã.

– Não vou decepcioná-la.

CAPÍTULO

2

– ATENÇÃO, MENINAS! – A VOZ DE INEZ penetra nos meus ouvidos na hora do café da manhã no dia seguinte. – Tenho alguns avisos para dar.

Tenho feito de tudo para evitá-la, e também não quero ver a expressão de triunfo que ela com toda a certeza exhibe. O plano de Inez está dando certo. Destruí o Conselho Titular. Irmã Cora está morta. Maura comprovou sua lealdade sem qualquer sombra de dúvida, e Inez provavelmente acha que isso me arrasou.

Deixei que ela pensasse assim. O triunfo dela não vai durar. Ela só vai comandar a Irmandade e a Nova Inglaterra por cima do meu cadáver.

Estou entre Rilla e Mei em uma das cinco mesas compridas que ocupam o refeitório, empurrando ovos e presunto de um lado para outro no prato. Tess se sentou à mesa atrás de nós com as meninas mais novas, mas desconfio de que ela está de olho em mim, assegurando-se de que eu esteja comendo.

Inez está em pé com seu vestido de bombazina preto de sempre, sem qualquer enfeite além do broche de marfim na gola. Como tem um nariz que parece um bico, ela não se parece com um dos corvos de Brenna, e sim com um falcão predador.

Ao avistá-la, meu cansaço desaparece. Maura apagou a memória de Finn, mas foi a pedido *dela*. Minha irmã está sempre tão desesperada para que alguém a escolha, a ame mais, que Inez

se aproveitou disso. Não absolvo Maura da responsabilidade, mas Inez fora a mandachuva.

– Às que se juntaram a nós ontem à noite, as garotas de Harwood, dou as boas-vindas – diz Inez, sem sequer um sorriso. – Sinto muito pelo mal que sofreram nas mãos dos Irmãos. Garanto a vocês que terão sua chance de vingança.

Dou uma olhada na mesa, onde as mãos de Parvati tremem com o garfo pairando por cima dos ovos. Caroline, prima de Maud, parece estar enjoada. As outras meninas novas – Grace Wheeler, Livvy Price e a sobrinha de Irmã Edith, Angela – parecem todas abaladas e adoentadas. Em Harwood, o chá era batizado com láudano. Agora estão sofrendo com a abstinência. Mei e eu lhes demos ervas, mas isso só evita a pior parte do enjoo. Estas meninas não precisam de vingança, e sim de alguém que cuide delas, além de tempo e espaço para se curar.

– Tenho certeza de que, a esta altura, todas já estão sabendo que Irmã Cora faleceu ontem à noite. – Inez faz uma pausa, e as meninas ao meu redor baixam o rosto. – Não vou fingir que Cora e eu éramos amigas. Nós não concordávamos quanto ao futuro da Irmandade, e eu a considerava cautelosa demais. – De soslaio, vejo Gretchen estremecer. Inez ergue a mão, e o anel de prata da Irmandade cintila com a luz do início da manhã. – Ainda assim, Cora dedicou sua vida à Irmandade, e isso merece o nosso respeito. O enterro dela será amanhã de manhã na catedral de Richmond. Espero que vocês estejam presentes. De acordo com o plano de sucessão, como a bruxa de mais idade capaz de executar magia mental, eu sou a nova diretora. – Os olhos escuros de Inez encontram os meus. – A Irmandade encontra-se dividida há anos, mas espero que vocês logo percebam que eu tenho os melhores interesses no coração. Todas nós temos os mesmos objetivos e inimigos agora, não é mesmo?

Meu garfo cai da mão e bate no prato de porcelana com um tilintar surdo, e engasgo com a minha indignação. Eu sei quem são os *meus* inimigos.

Inez solta uma risadinha seca que mais parece um graveto velho se quebrando.

– Cora colocou muita energia na profecia de que uma das irmãs Cahill iria nos conduzir ao próximo século. Ela acreditava que Cate era a mais propensa a ser o oráculo. No entanto, me veio à atenção...

Mordo o lábio. Será que Inez vai lançar seu apoio a Maura? Não existem evidências de que Maura possa ter mais chances do que eu quanto a ser o oráculo.

– Veio à minha atenção – repete Inez, satisfeita com a maneira como todas nós nos apegamos às palavras dela – que não foi Cate a abençoada por Perséfone com as visões do futuro. Foi a pequena Tess. Não é verdade, Tess?

Todas as meninas se viram para olhar Tess. Menos eu. Encaro Maura, que olha para o colo e remexe com os dedos na toalha de mesa rendada. Nunca imaginei que ela pudesse contar para Inez.

Mesmo agora, ainda lhe dou muito crédito.

Tess ergue o queixo pontudo.

– É sim, senhora.

– Mas que maravilha! – Inez praticamente ronrona. – Nunca houve um oráculo que também fosse bruxa, muito menos uma bruxa capaz de executar magia mental. Você é *realmente* capaz disso?

– Sou, sim, senhora. – Tess fica corada com tanta atenção. Quase espero que ela se contorça e afunde na cadeira, mas Tess não faz isso; ela se senta bem ereta e eu me sinto inchar de orgulho.

– Bom, não foi muito agradável de sua parte ter guardado segredo sobre isso. – Inez meneia a cabeça e estala a língua, como se estivesse dando bronca em uma criança por ter roubado um doce. – Mas eu compreendo o fato de você hesitar em roubar as atenções da sua irmã...

– Não foi por isso – interrompe Tess. – Foi para minha própria segurança.

Que agora ficou comprometida. Tess é o oráculo da profecia, que vai conquistar as graças do povo e dar início a uma nova era de ouro da magia... ou, se cair nas mãos dos Irmãos, um segundo Terror. Os Irmãos vêm assassinando meninas apenas por *desconfiar* de que elas tinham visões. E, agora, além de nós três – ela própria, Mei e eu –, o convento inteiro sabe sobre as profecias: cinquenta e poucas alunas, uma dúzia de professoras e mais uma dúzia de governantas. Qual é o jogo de Inez?

Inez cruza as mãos por cima do peito em um gesto dramático.

– Seu segredo está seguro conosco. Somos suas irmãs. Temos que protegê-la com a vida!

Será que iriam mesmo? Será razoável achar que sim? O que Tess significa para as pessoas nesta sala? Claro que é alguém querida, mas sacrificar a própria vida não é pouca coisa.

– De todo modo, fico felicíssima de ter uma *aluna* tão poderosa – diz Inez, e a compreensão toma conta de mim com a ênfase que ela dá à palavra. – Tess tem um dom, sim, mas ainda é uma criança. Uma menina de 12 anos

não pode liderar a Irmandade, especialmente neste período complicado. Ela vai precisar de orientação, e fico contente em fornecê-la: ficarei na direção enquanto ela não puder assumir o posto, serei uma espécie de regente, até que ela alcance a maioria e possamos comprovar se há alguma verdade na profecia.

Tess passa a mão pelos cachos louros. Consigo enxergar sua frustração na maneira como retesa o maxilar, na tensão em seus ombros. Ela com certeza é inteligente demais para desafiar Inez em público, mas sem dúvida odeia ser tratada com condescendência.

– Obrigada – balbucia ela. – Aprecio o seu apoio.

– Não há de quê. – Inez caminha por entre as mesas. – Tenho mais um aviso. Com a fuga de Harwood e o ataque ao Conselho Titular, a Fraternidade vai ficar enfurecida. É importante que, se formos apreendidas, sejamos capazes de nos libertar, por meio de trabalho de animação ou de ilusão. Senhorita Auclair, se estivesse no meio de outras pessoas e os Irmãos a chamassem de bruxa, o que faria?

Alice sorri. Em um piscar de olhos, ela se transforma em uma garota com cachos negros e pele morena, usando um vestido vermelho xadrez.

– Ou, melhor ainda... – murmura ela, que, um instante depois, vira um menino chinês corpulento com cabelo preto desgrenhado e camisa jeans.

– Muito bem, senhorita Auclair! – Inez bate palmas. Alice sempre foi sua pupila preferida. Rilla é ainda melhor em ilusões, mas não é tão obediente. – Não sabemos quando os Irmãos vão retaliar, meninas, mas eu tenho certeza de que vão. Será cada vez mais difícil evitar chamar a atenção deles. Vou dobrar a quantidade de aulas de ilusão e de animação. Arte, música, botânica e outros cursos optativos estarão suspensos até segunda ordem.

Rilla ergue a mão.

– A senhora vai continuar a dar aulas de ilusão, além de ser a diretora?

– Vou dar as aulas avançadas da manhã. A senhorita Auclair vai ensinar a introdução, à tarde. – Inez pousa a mão ossuda no ombro de Alice, que volta a se transformar em sua própria versão loura bonitinha e fica toda orgulhosa.

Dou uma olhada na mesa atrás de mim. Rebekah Reed parece ter engolido um limão, e Lucy está se contorcendo. Alice maltrata todo mundo, e as mais novas já estão recebendo seu trote.

– Por que Alice? – Mei quer saber. – Por que não Rilla?

– Rilla daria uma professora maravilhosa! Ela é a melhor da turma! – completa Pearl.

– Isso é questão de opinião, não é mesmo? – Inez se irrita. – Não tenho obrigação de explicar às alunas minhas decisões relativas ao corpo docente. No entanto, a senhorita Auclair completará 17 anos em março e já anunciou sua intenção de se tornar integrante plena da Irmandade. O aniversário da senhorita Stephenson é apenas em setembro, e ela não disse nada a respeito. De que adianta preparar uma professora se ela vai fugir para se casar?

Rilla cora por trás das sardas. Ela é romântica, sim, mas não tem namorado, assim como nenhuma das meninas do convento. Não há como conhecer rapazes quando você se disfarça de noviça.

– Agora, se não houver mais nada... – Inez olha feio para Mei e Pearl – ... já estamos atrasadas na nossa agenda do dia. Senhorita Kapoor, senhorita Price, eu gostaria de conversar com as duas na minha sala depois das aulas da manhã, se estiverem dispostas.

O salão explode em cochichos quando ela dá meia-volta e sai com os saltos batendo pelo corredor.

Rilla estende a mão para pegar a geleia.

– O que ela quer com Parvati e Livvy?

Entrego a ela o pote melado.

– Elas conseguem executar magia mental. – A maioria das garotas resgatadas de Harwood não é bruxa, por isso estão sendo levadas para um dos três esconderijos no interior. Grace, Caroline e Angela só estão aqui porque têm relação com alunas ou professoras; já Parvati e Livvy, porque eu achei a ficha delas no Arquivo Nacional e me dei conta de como são poderosas. A magia mental é extremamente rara; apenas Alice, Elena, Inez, minhas irmãs e eu somos capazes de executá-la.

Eu queria falar com Tess para ver se ela está bem, porém ela está cercada. Suas amigas têm muitas perguntas. Consigo olhar nos olhos dela de leve e ela assente com a cabeça em um gesto minúsculo para mim. É capaz de dar conta disso. Vou na direção de Parvati e Livvy e pergunto a elas:

– Vocês poderiam me acompanhar um instante?

Talvez eu consiga sabotar Inez de outra maneira.

Parvati se afasta da mão que coloco em seu ombro.

– Vamos levar bronca? – pergunta ela.

– Não, de jeito nenhum. – Dou um sorriso reconfortante para ela. – Só quero conversar.

Ontem à noite arrecadamos vários vestidos para as garotas novas. Livvy, uma morena baixinha e gorducha, usa um xadrez rosa e vermelho de Alice.

Fiquei bastante surpresa quando ela ofereceu uma peça: não é conhecida por ser caridosa; mas Livvy ficou bem nele. Emprésteei a Parvati um vestido azul-marinho, mas ele fica pendurado em seu corpo esquelético como se fosse um sudário. Mei é boa com costura, talvez possa ajustá-lo.

Guio as meninas até o andar de cima, ao quarto que divido com Rilla, e faço um gesto para que se sentem na minha cama. Parvati se ajeita na pontinha do colchão, já Livvy chuta para longe as sapatilhas vermelhas emprestadas e se encolhe.

– Por que a diretora quer falar conosco? – pergunta Parvati, e a mão treme quando ela ajeita uma mecha do cabelo preto atrás da orelha.

– Por causa da sua magia mental. – Pego o banco da penteadeira e me sento na frente delas. – Ela vai querer testar vocês.

– Testar a gente? Como? – Livvy franze a testa.

Meus ombros se retesam.

– Ela deve solicitar que vocês obriguem outras garotas a fazerem alguma coisa. Ela me pediu que fizesse minhas amigas irem da sala de estar até a sala dela.

– Você atendeu? – Há sombras azuis sob os olhos de Parvati.

Balanço a cabeça.

– Não me senti à vontade para fazer isso sem a permissão delas.

– Mas poderia ter atendido, se quisesse, não? Você executou magia mental nas enfermeiras de Harwood, não foi? – questiona Parvati, e eu assinto. – Você me ensina a fazer isso? Eu nunca consegui executar coação. Acho que é por causa do láudano... com ele, eu não conseguia me concentrar em nada durante muito tempo.

– Ensino, sim, mas espero que você não precise disso. Não acho que a coação deva ser usada de maneira leviana. Mas depois... bom, depois de tudo por que você passou... – Minha voz começa a sumir e eu fico corada. – Se vai ajudá-la a se sentir mais segura...

– É bom saber que, se algum dia eu voltar a ver o Irmão Cabot, eu poderia coagi-lo a enfiar uma bala no próprio cérebro – diz Parvati, tristonha. – Aprecio sua delicadeza, mas Livvy sabe. Todo mundo sabe o que aconteceu comigo e ninguém o impediu.

– Parvati, eu... – Livvy começa a dizer e se inclina para a frente.

– Não a culpo por isso. – Parvati se volta para mim. – Eu tentei revidar. Estrangulei-o com a própria gravata uma vez, mas ele me bateu e se safou enquanto eu via estrelas. Outra vez eu o compeli a se cegar, mas ele saiu do

transe logo antes de enfiar um abridor de cartas no olho. Ele me espancou por causa daquilo... mas quase valeu a pena.

– Ah, Parvati. – Livvy tenta dar um abraço nela, mas a garota se encolhe para longe.

– Não quero a sua compaixão. – Ela solta. – Quero vingança, como Irmã Inez prometeu.

– Não se deve confiar na Irmã Inez – eu digo baixinho. – Entendo que você deve...

– Não – interrompe Parvati. Suas costas estão bem eretas, as pernas, cruzadas com delicadeza, mas a raiva vibra pelo corpo dela, e é justificada. – Você não tem como entender. A menos que tenha passado por isso.

Percorro os dedos pelas riscas de giz azuis da minha saia, tentando redirecionar a conversa.

– Inez está conduzindo a Irmandade a uma guerra que não podemos vencer. Somos poderosas, sim, mas estamos em menor número. A profecia diz que Tess é capaz de fazer as pessoas ficarem do nosso lado, mas, até lá, precisamos trabalhar com os Irmãos mais moderados para manter a paz. Se Inez continuar a fazer coisas terríveis e descuidadas, nunca chegaremos a um acordo.

– Que bom! – Parvati praticamente cospe, com os olhos castanhos apertados. – Eu não quero acordo. Como você pode esperar que nós colaboremos com os Irmãos depois do que eles fizeram conosco?

– Nem todos são maus – eu digo, pensando em Finn. Sempre Finn. Ele disse que havia moderados dentro da Fraternidade, homens como ele que se tornaram membros para proteger a esposa, a filha ou a namorada. – E se nós não queremos tratamento desumano, não podemos tratar os outros assim. Mesmo que o Irmão Covington e os outros estivessem mal direcionados, eles não mereciam...

– *Mal direcionados?* – Parvati se levanta de um pulo. – É assim que você os classifica? Não acha que eles mereciam o que aconteceu com eles? Você acha que *eu* mereci o que aconteceu comigo?

– Não! Não, claro que não. – Eu me levanto, atarantada. – Eu me expressei mal. Eles foram, são, cruéis. Mas nós nunca vamos conquistar a confiança das pessoas com o método de Inez. Só o Senhor sabe o que mais ela está tramando. Ela é muito ardilosa; eu não confiaria nela nem para...

– *Ela é ardilosa?* – Parvati coloca as mãos na cintura fina. – Você nos chamou aqui para falar mal dela. Suponho que esteja irritada por causa do

que ela e Maura fizeram com o seu amado. – Não posso negar que fiquei mesmo... mas não é só isso. Os lábios de Parvati se curvam de desgosto. – Não acredito que permitiu que um *Irmão* a cortejasse!

– Ele não era... Você não entende – afirmo. – Finn não é...

– É você que não entende. – Parvati atravessa o quarto pisando firme e escancara a porta. – Você foi protegida toda a sua vida. Coloque-se no meu lugar e então me diga o que a Fraternidade merece.

Droga.

Livvy fica olhando para as sapatilhas vermelhas e diz:

– Eu preciso... Desculpe, Cate – balbucia ela e sai correndo atrás de Parvati.

Ai, que inferno!

Eu devia ter pedido a Elena que estivesse presente. Ela saberia conduzir uma conversa tão delicada. Agora Parvati acha que eu sou uma tonta que simpatiza com os Irmãos, e Inez terá pelo menos mais uma bruxa com magia mental a seu lado.

Faço uma pausa perto da janela, abro as cortinas amarelas de Rilla e fico olhando para a manhã cinzenta desoladora. O que está acontecendo lá fora? Será que os Irmãos já estão reunidos para eleger um novo líder? Muito depende de quem eles vão escolher. Essa pessoa vai liderar com vingança ou misericórdia? Finn previu que é bem possível eles votarem para ressuscitar as fogueiras. Abraço a mim mesma, desejando que ele estivesse aqui para me confortar.

Já sinto falta dele.

No outono, quando eu estava em Nova Londres e ele ainda se encontrava em Chatham, eu tinha esperança de que ele talvez também estivesse pensando em mim.

Agora, ele nem sabe o que é sentir a minha falta.

Tento afastar esses pensamentos. Se eu parar de me mover, se parar de agir, vou desmoronar. Não posso dar esta satisfação a Inez e Maura.

Tenho pouca fé na Fraternidade no momento, mas preciso acreditar que a maior parte dos homens não iria votar para atear fogo em mim se soubesse o que sou capaz de fazer. Uma coisa é trancar uma garota em Harwood pelo resto da vida; outra bem diferente é queimá-la na fogueira.

Não é?

Será que Parvati e Inez têm razão? Será que os Irmãos vão chegar assim tão longe?

A perspectiva de descer as escadas, me sentar atrás de uma carteira e fazer anotações parece impossível. Como posso me concentrar se não sei o que os Irmãos estão fazendo nem como as pessoas reagiram a Harwood e ao ataque ao Conselho Titular? Tenho certeza de que o *Sentinela* está pintando os dois acontecimentos com o mesmo pincel: bruxas perigosas à solta. Mas e a *Gazeta*? Alistair Merriweather seria capaz de enxergar a diferença entre o que Inez fez e a libertação de garotas inocentes?

Alguém bate na porta entreaberta.

– Entre – digo, e Tess espia dentro do quarto, com o rosto todo franzido.

Ela chuta a porta para fechá-la atrás de si e sobe na minha cama.

– Todo mundo fica me encarando – anuncia ela, com o maxilar rígido.

– Minha vontade é pisotear Irmã Inez. Maura também.

– Você devia fazer isso primeiro em mim. – Suspiro e prendo o cabelo em um coque. – Maura não tinha o direito de contar para ninguém sem a sua permissão. Mas eu também não.

– Não, você não tinha. – Tess franze o cenho. – Mesmo assim, eu perdoo você. Aconteceu sob condições terrivelmente extenuantes. Eu sei que você não tinha a intenção de me magoar.

– Eu nunca faria isso – juro e prendo grampos no cabelo.

– Mas Maura refletiu sobre a questão. E Inez me fez parecer a maior *criancinha*. – Os olhos de Tess se apertam. – É por isso que eu não estava pronta para contar. Bekah e Lucy já estão agindo de um jeito diferente perto de mim, cheias de cautela. Como se eu pudesse quebrar a qualquer momento.

– Você não vai quebrar – garanto a ela. – Elas acabaram de receber a notícia. Dê um tempo para que elas se acostumem com a ideia.

Tess resmungua. Ela é mais paciente do que eu, mas isso não quer dizer muita coisa.

– Você não percebe? Eu não vou ser mais apenas Tess! Todo mundo vai me enxergar como o oráculo agora. A bruxa da profecia.

– Não vai ser assim para sempre. – Pelo menos, espero que não. Calço minhas botas pesadas. – Vou sair. Quer me acompanhar? Fugir dos olhares um pouco?

– Nós temos aula – Tess me lembra e pega o livro de história no pé da minha cama.

– Eu não vou. Preciso descobrir se os Irmãos elegeram um líder novo. E tenho de fazer uma coisa importante. Negócio da Irmandade.

Pego um envelope cor de marfim com passarinhos verdes – faz parte de um kit que Tess me deu no Natal passado, apesar de eu não ter ninguém para quem escrever na época – e o abano para ela.

Ela o toma de mim e tira de dentro a folha cor de marfim. Um beija-flor verde e azul está gravado no alto e o recado está em código: uma cifra de César de três letras para a esquerda.

– Você fez isso sozinha?

Faço que sim com a cabeça. Eu não tinha muito mais o que fazer às quinze para as cinco da manhã, enquanto Rilla roncava e eu tentava não pensar em Finn, por isso levei uma vela até a biblioteca e escrevi o bilhete. Precisei tentar três vezes e então copiei no meu papel de carta mais bonito. Um homem como o Irmão Brennan talvez apreciasse tais detalhes. Por não conhecê-lo pessoalmente, não sei.

– Está correto? – pergunto.

Tess dá uma olhada na pequena na carta: *Irmã Cora morreu. Não confio na sucessora dela, que liderou o ataque ao Conselho Titular. Minha esperança é de que o senhor e eu possamos trabalhar juntos pela paz. Tenho a chave de Cora e estou ansiosa para conhecê-lo na reunião de amanhã à noite.*

Não está assinada. Mesmo usando código, não sou boba de deixar meu nome.

– Está boa. – Os olhos cinzentos de Tess encontram os meus. – Você vai entregá-la agora? Já falou com a Irmã Gretchen?

Concordo com a cabeça.

– Devo deixá-la com o dono de uma papelaria. E o Natal está chegando. É uma pena eu não saber o que você quer de presente.

O sorriso de Tess é sua própria recompensa. Ela poderia passar dias em uma papelaria, assim como em uma livraria.

– Vou perder aula por isso – conclui ela, se levantando de um pulo.

– Que bom. Assim você também pode me ajudar a descobrir onde comprar um jornal ilegal.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br